

## Ruralidades e turismo: uma análise exploratória da oferta turística em Teresópolis-RJ

*Neste artigo analisa-se como se expressam as dinâmicas territoriais no espaço rural, tendo como foco discussões advindas da proximidade tanto física como cultural do campo com a cidade e do turismo rural com o turismo no espaço rural de Teresópolis, estado do Rio de Janeiro, Brasil, apontando para quais são os entraves e as potencialidades de cada um deles. Trabalhou-se com métodos qualitativos de pesquisa, especialmente a observação direta e as entrevistas semiestruturadas, junto aos proprietários e gestores de cerca de 100 equipamentos, serviços e atrativos da região, abrangendo o que poderia ser caracterizado como turismo rural e turismo no espaço rural. Como resultado da pesquisa foi possível perceber que o turismo está influenciando de maneira significativa a dinâmica territorial no espaço rural de Teresópolis-RJ.*

### ***Dinamiche territoriali e turismo dello spazio rurale di Teresopolis-RJ: un'analisi esplorativa***

*Questo articolo analizza il modo in cui vengono espresse le dinamiche territoriali nelle aree rurali, concentrandosi sulle problematiche derivanti dalla vicinanza fisica e culturale della campagna alla città e dal turismo rurale con il turismo dello spazio rurale di Teresópolis, nello stato di Rio de Janeiro, in Brasile, indicando quali sono gli ostacoli e le potenzialità di ognuno di essi. Nell'ambito della ricerca, si è ricorso a metodi di ricerca qualitativa, in particolare all'osservazione diretta e a interviste semi-strutturate con proprietari e gestori di circa cento strutture, servizi e attrazioni nella regione, considerando quello che potrebbe essere caratterizzato come turismo rurale e turismo dello spazio rurale. Come risultato della ricerca è stato possibile rilevare che il turismo sta influenzando in modo significativo le dinamiche territoriali nelle zone rurali di Teresópolis-RJ.*

### ***Territorial dynamics and tourism in the rural area of Teresopolis-RJ: an exploratory analysis***

*This paper addresses territorial dynamics expressed in rural areas, focusing on discussions arising from both the physical and cultural proximity of urban and rural areas and tourism within rural areas and rural tourism in Teresópolis, Rio de Janeiro state, Brazil. It highlights constraints and opportunities for both different tourism developments. The discussions are based on qualitative research methods, especially direct observation and semi-structured interviews with owners and managers of about one hundred equipments, services and tourist attractions in the region, covering what could be characterized as rural tourism and what we called tourism within rural areas. As a result of the research it was possible to realize that tourism is significantly influencing the territorial dynamics in rural areas of Teresópolis-RJ.*

***Palavras-chave:*** turismo, agricultura familiar, desenvolvimento territorial

***Parole chiave:*** turismo, agricultura familiare, sviluppo territoriale

***Keywords:*** tourism, family agriculture, territorial development

Universidade do Rio de Janeiro, UERJ, Departamento de Turismo, Instituto de Geografia – [ppgmafortunato@gmail.com](mailto:ppgmafortunato@gmail.com)

Universidade do Rio de Janeiro, UERJ, Departamento de Turismo, Instituto de Geografia – [clara.lemos@uerj.br](mailto:clara.lemos@uerj.br)

Universidade do Rio de Janeiro, UERJ, Departamento de Turismo, Instituto de Geografia – [cahcampos@hotmail.com](mailto:cahcampos@hotmail.com)

***Nota:*** a introdução foi escrita por Rafael Fortunato, o segundo parágrafo foi escrito por Rafael Fortunato e Clara Lemos, o terceiro por Clara Lemos e Carolin Campos, o quarto por Clara Lemos e Rafael Fortunato.

## 1. Introdução

A zona rural brasileira está em constante transformação, dinamizando as relações nos territórios. As novas funções e atividades econômicas presentes nestes espaços ganharam destaque a partir da segunda metade do século XX.

Atualmente constatamos, em algumas regiões e municípios, certa sobreposição do urbano e do rural. Têm-se dificuldades em distinguir onde começa um e termina o outro. Esse cenário também pode ser encontrado no município de Teresópolis, estado do Rio de Janeiro (RJ) e é responsável por produzir novas ruralidades e novas territorialidades.

A aproximação entre o rural e o urbano também se dá no campo do turismo e, para entender melhor tal aproximação, trabalha-se com os termos turismo rural e turismo no espaço rural, bem como com as propostas de pluriatividades no meio rural.

O turismo rural e o turismo no espaço rural estão crescendo no Brasil e existe potencial para crescer ainda mais; no entanto, junto com esse crescimento surgem também os problemas sociais e ecológicos capazes de inviabilizar as atividades a médio e longo prazo e os conflitos decorrentes de disputas discursivas sobre quais seriam os melhores caminhos para serem seguidos na zona rural.

O município de Teresópolis está localizado no estado do Rio de Janeiro, região sudeste do Brasil, e possui atividades agrícolas de estrutura familiar expressivas, além de um setor de turismo consolidado. Tais condições são consideradas ideais para o desenvolvimento de pequenos empreendimentos de turismo rural, mas em Teresópolis a zona rural apresenta também uma série de empreendimentos hoteleiros de médio e grande porte que atendem a diferentes perfis de demanda e segmentos de mercado.

Neste artigo analisa-se como se expressam as dinâmicas territoriais no espaço rural, tendo como foco discussões advindas da proximidade tanto física como cultural do campo com a cidade e do turismo rural com o turismo no espaço rural de Teresópolis-RJ, apontando para quais são os entraves e as potencialidades de cada um deles. O estudo possui caráter exploratório, pois não aprofunda as análises em empreendimentos específicos, mas revela o contexto nos quais estão inseridos.

Para isso, desde 2014, algumas ações extensionistas e de pesquisa vêm sendo realizadas na região conhecida como Circuito Tere-Fri, região turística e também de expressiva produção agrí-

cola localizada ao longo da rodovia estadual RJ-130, que liga os municípios de Teresópolis e Nova Friburgo. Desde então, foram realizados cursos de extensão com jovens estudantes moradores da zona rural, trabalhos de campo com alunos do curso de graduação em Turismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e, mais recentemente, um estudo para caracterização da oferta turística.

Trabalhou-se com métodos qualitativos de pesquisa, especialmente a observação direta e as entrevistas semiestruturadas junto aos proprietários e gestores de cerca de cem equipamentos, serviços de apoio e atrativos turísticos da região, abrangendo o que poderia ser caracterizado como turismo rural e turismo no espaço rural.

Na medida em que se compreende melhor o cenário no qual se desenvolve o turismo rural ou o turismo no espaço rural em Teresópolis-RJ, reúnem-se elementos para pensar em políticas públicas e no planejamento do turismo na intersecção do urbano e do rural, para melhor compreender as tensões que surgem e melhorar os aspectos socioambientais nos territórios, principalmente aqueles relacionados à agricultura familiar.

O artigo está dividido da seguinte forma: primeiramente apresenta-se os conceitos de agricultura familiar, ruralidades, territorialidades, turismo rural e turismo no espaço rural. Em seguida são apresentados os resultados encontrados no trabalho, juntamente com uma discussão a respeito dos entraves e das potencialidades identificadas.

## 2. Dinâmicas territoriais, turismo rural e o turismo no espaço rural

As questões relacionadas ao universo agrário brasileiro estão sendo frequentemente discutidas, tendo em vista que a sustentabilidade social, econômica e ambiental dos territórios depende das políticas públicas para regular e desenvolver de modo sustentável esse setor, que, historicamente, tem beneficiado grandes proprietários de terra e privilegiado a monocultura do café, da cana de açúcar, do eucalipto, da soja etc., e a criação de gado.

Vale ressaltar que apesar da monocultura ocupar um espaço importante na geração de divisas para o país, ainda é a agricultura familiar que produz a maior parte dos alimentos consumidos no Brasil. De acordo com Guilhoto e altri (2007), o segmento familiar da agropecuária brasileira e as cadeias produtivas a ela interligadas responde-



ram, em 2005, por 9,0% do PIB brasileiro, o que equivale a R\$ 174 bilhões em valores daquele ano.

O Censo Agro 2017 mostra que houve aumento de cerca de 5% no número de estabelecimentos agropecuários no Brasil, totalizando 350 milhões de hectares. Destes, cerca de 70% têm área entre um e cinquenta hectares e 86% são de terras próprias (301 milhões de ha). Apesar do crescimento do número de estabelecimentos, a quantidade de pessoas ocupadas em atividades agropecuárias diminuiu 9,2% em relação ao último censo (2006), totalizando quinze milhões de trabalhadores. Essas pessoas são majoritariamente do gênero masculino (81,3%) e 60,2% tem entre trinta e sessenta anos de idade.

No Brasil, Veiga (2001) conceituou a «agricultura familiar» em contraponto ao que ele denomina de «agricultura patronal» (fig. 1).

De acordo com a Lei 11.326 de 24 de julho de 2006,

agricultor familiar e empreendedor familiar rural é aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos: I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu “estabelecimento ou empreendimento”; III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família” (Brasil, 2006). Tendo em conta o atendimento de tais requisitos, inclui ainda “[...] silvicultores que cultivem florestas nativas ou exóticas e que promovam o manejo sustentável daqueles ambientes; [...] 15 aquicultores que explorem reservatórios hídricos com superfície total de até 2 ha (dois hectares) ou ocupem até 500 m<sup>3</sup> (quinhentos metros cúbicos) de água, quando a exploração se efetivar em tanques-rede; [...] extrativistas pescadores que exerçam essa atividade artesanalmente no meio rural, excluídos os garimpeiros e faiscadores [Brasil, 2006].

Pode-se dizer que a agricultura familiar gera emprego, mantém as pessoas no campo e pode proteger o meio ambiente e a biodiversidade, já que a família do agricultor vive, trabalha e tem seu lazer diretamente ligado a ocupação do território. No entanto, tais agricultores podem ter graves problemas econômicos associados às dificuldades na compra de insumos e na venda dos produtos, pois em ambos os casos, sofrem exploração por parte dos atravessadores.

Outros fatores que têm trazido dificuldades para os agricultores familiares se relacionam com as mudanças climáticas, com a degradação do solo e com o abuso no uso de pesticidas, que provocam doenças e mal-estar no trabalho cotidiano. Além disso, enfrentam problemas com a logística de distribuição, que quase sempre é afetada pelas más condições de conservação das estradas.

Tendo em vista esse cenário de entraves para produção agrícola familiar no Brasil e vislumbrando possibilidades para sua superação, no ano de 2010 o Ministério do Turismo Brasileiro lançou um livro intitulado de *Turismo rural: orientações básicas*. O Ministério destaca que o turismo rural surge no Brasil na região de Lages-SC, pensado como uma alternativa para o enfrentamento de uma crise econômica e como sendo capaz de promover a manutenção dos jovens no ambiente rural. Essa noção está por trás de quase toda literatura sobre o tema.

De acordo com Lane,

a oferta do turismo rural brasileiro não surgiu de um setor privado bem capitalizado, bem organizado e informado, interessado em fazer dinheiro a partir do desenvolvimento imobiliário. Originou-se vários pequenos agricultores e empreendedores rurais interessados em sobreviver face aos retornos decrescentes da agricultura e de outras pequenas empresas rurais [2014, p. 18].

Patronal	Familiar
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Completa separação entre gestão e trabalho.</li> <li>• Organização centralizada.</li> <li>• Ênfase na especialização.</li> <li>• Ênfase nas práticas padronizáveis.</li> <li>• Predomínio do trabalho assalariado.</li> <li>• Tecnologias dirigidas à eliminação das decisões «de terreno» e «de momento»</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalho e gestão intimamente relacionados.</li> <li>• Direção do processo produtivo diretamente assegurada pelos proprietários ou arrendatários.</li> <li>• Ênfase na diversificação.</li> <li>• Ênfase na durabilidade dos recursos e na qualidade de vida.</li> <li>• Trabalho assalariado complementar.</li> <li>• Decisões imediatas, adequadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo</li> </ul>

Fig. 1. Diferença entre propriedades patronais e familiares

Fonte: Veiga (2001)



Além da proposta de melhorias sociais promovidas pela atividade turística, aparece também a questão da preservação da cultura expressa no ambiente rural, tendo em vista que tal cultura seria um dos principais atrativos para o deslocamento dos turistas. Outro argumento bastante utilizado pelos autores que estão discutindo o turismo rural é a crescente demanda de turistas. Os turistas estariam buscando cada vez mais o ambiente rural para descansar, *fugir* da correria das grandes cidades e, em alguns casos, para encontrar suas *raízes*.

Frequentemente o turismo rural tem sido apresentado como uma atividade idealizada, na qual os turistas estariam em busca de algo prestes a se acabar. Trabalhamos com a hipótese de que essa busca pode produzir uma situação de turismo encenado, no qual os agricultores, em alguns casos, se esforçam para adequar sua propriedade ao gosto dos turistas e das agências de viagens, promovendo novas ruralidades e a projeção de novas territorialidades, pois de acordo com Saquet (2010, p. 79) «a territorialidade é dinâmica e é caracterizada por continuidades e descontinuidades» e é produto de um território objetivado por relações sociais de poder e de dominação.

Nessa perspectiva, vamos ao encontro das discussões apresentadas por Debord (1997) em seu livro *Sociedade do Espetáculo*, quando ressalta que tudo que era vivido diretamente tem se tornado uma representação. Seguindo nesse caminho da representação, começam a surgir, mesmo dentro do que estava sendo chamado de «turismo rural», características do denominado «turismo no espaço rural». Constata-se, portanto, que é por meio da cultura urbana, tida como *mais civilizada*, que as novas territorialidades estão sendo forjadas, promovendo certas tensões sociais em termos de discriminação dos indivíduos quem moram mais afastados dos grandes centros.

O turismo rural apresentaria um tipo de experiência turística mais autêntica, preservando os saberes e a cultura do homem do campo; por outro lado, o turismo no espaço rural faria uma representação desse tal homem do campo. Entretanto, para além dessa interpretação, o turismo no espaço rural tem apresentado empreendimentos quase que totalmente desconectados do lugar onde está inserido, produzindo uma dinâmica territorial acelerada na qual predominam os «valores urbanos», dando força a certa noção construída no Brasil de que o agricultor familiar vive quase que de forma primitiva e «atrasada».

Para Moreira «complexas relações sociais contemporâneas apresentam, ao mesmo tempo, flu-

xos culturais e materiais contraditórios e dialéticos de ruralidade e de urbanidade que se produzem em movimento» (2007, p. 232).

O turismo no espaço rural se expressa pela construção de grandes *resorts* de luxo, hotéis de charme, pousadas etc. A ruralidade, nesses casos, aparece apropriada pelos discursos de belas paisagens, que em conjunto com a sofisticação dos meios de hospedagem, oferecem uma experiência de lazer e descanso para família. Para Lane, «a maioria dos *resorts*, incluindo *spas* e *resorts* nas montanhas, é essencialmente urbana em suas características, mesmo quando criados em uma área rural» (2014, p. 17).

Marc Auge (1994) trabalha com a noção de que empreendimentos desse tipo se enquadram na categoria de «não-lugares», pois produzem certa desterritorialização. A partir do empreendimento estabelecem-se novas lógicas de produção, consumo e negociações que até então não faziam parte de um determinado território. Segundo Auge (1994), a supermodernidade é produtora de «não-lugares» que se apresentam como espaços «desprovidos de memória» e construído por relações e identidades descontextualizadas, mas, que em alguns casos, como no turismo no espaço rural, constroem novas ruralidades e territorialidades que acabam tornando-se hegemônicas. Consta-se, portanto, uma linha tênue entre o que é um não-lugar e o que é tido como o lugar, no qual estariam representadas as tradições e as memórias coletivas.

Nesse sentido, a discussão do que seria zona rural ou zona urbana, se faz presente também no turismo e a própria sobrevivência da agricultura familiar participa desse jogo de tensões e conflitos quando se lança um olhar a partir da atividade turística pois, se a representação puder satisfazer os turistas, o «não-lugar» pode passar a ser uma boa opção de investimento para atender essa demanda. Dialeticamente, pode-se trabalhar com a ideia de que o próprio turista que procura o turismo rural pode torna-se o responsável pelas dinâmicas territoriais do espaço rural ao imprimir novas lógicas nas relações interpessoais e fundar novas ruralidades e territorialidades pautadas em uma «cultura urbana».

Essa é uma discussão presente na literatura, a partir do momento em que se identificou a dificuldade de circunscrever o turismo rural como um segmento claramente definido. Na prática, o crescimento do turismo rural veio acompanhado de transformações e diversificação das atividades oferecidas no espaço rural, como um negócio complexo e multifacetado. Tornou-se, portan-



to, um conceito abrangente, aceitando muitas formas, em vez de uma definição rígida. Inclui muitos nichos de turismo, envolvendo lazer, recreação, natureza, cultura, negócios. Essa natureza multifacetada é uma característica marcante. Destaca-se também o papel do turismo cultural no espaço rural, que é um campo no qual o patrimônio e a cultura rurais desempenham um papel central. No espaço rural, uma parte importante do turismo envolve a fruição dos modos de vida rurais como forma de experiência cultural. Da mesma forma, o turismo gastronômico, a degustação de pratos tradicionais, cervejas, cachaças, também vêm crescendo no cenário do turismo rural e está ligado à diversificação agrícola, mas também ao turismo cultural e patrimonial, pois ajudam a construir imagens para o turismo rural (Lane e Kastenholz, 2015).

Ao mesmo tempo, o turismo rural, acompanhando a tendência da pluriatividade, pode fortalecer a agricultura familiar e proporcionar melhor qualidade de vida para as pessoas que trabalham no ambiente rural, partindo do princípio de que a cultura é mesmo dinâmica e que haverá sempre um processo de negociação entre aqueles que chegam e aqueles que já estão no território rural.

De acordo com Silva e Marafon,

na Região Serrana, onde há o predomínio a produção de hortigranjeiros em pequenas propriedades, a pluriatividade é adotada como alternativa de fonte de renda pelos agricultores. Muitos produtores, além de realizarem suas funções na propriedade agrícola, exercem atividades não-agrícolas (como caseiros, motoristas, empregados domésticos, fiscais de rodovia etc, nas casas de veraneio, nos hotéis e para as prefeituras da região) [2008, p. 79].

De acordo com Moreira, esses tipos de relações promovem uma série de assimetrias e transformações territoriais, tendo em vista que os agricultores passam a ser assalariados em vez de produzir sua existência de forma autônoma, contribuindo ainda mais para o surgimento de novas ruralidades.

No entanto, como vimos anteriormente, não há como imaginar que, pela proximidade e pelo avanço das tecnologias e dos meios de comunicação que o território rural será capaz de permanecer sem manter um forte diálogo e sem ser fortemente influenciado pelo modo de vida urbano, principalmente quando as distâncias entre a zona rural e urbana são pequenas.

Na perspectiva de Moreira (2007, p. 254) dentro de um mesmo espaço físico operam redes de

sociabilidade e estruturas de percepção do espaço distintas e, em alguns casos, até mesmo conflituosas. Ainda de acordo com Moreira (2007), estamos produzindo diferentes tipos de ruralidades e essas ruralidades podem se expressar de modos distintos ou similares, tanto nos grandes empreendimentos hoteleiros como nas pequenas propriedades de agricultura familiar.

Nesse sentido, tem-se visto movimentos do tipo «Agricultura familiar 4.0» promovendo novas ruralidades ao oferecer instrumentos para que a agricultura familiar possa se modernizar, estreitando os laços com o urbano e sendo capaz de produzir com mais qualidade, atendendo aos consumidores mais exigentes, tanto aqueles que buscam um produto orgânico, por exemplo, como aqueles que buscam uma experiência turística com maior profundidade no território.

Movimentos como o do turismo solidário tem investido nesse tipo de experiência mais profunda, nas quais os turistas tendem a se comportar de modo mais atencioso e cuidadoso no contato com os agricultores (Fortunato, 2017). Movimentos desse tipo podem fortalecer o turismo rural, na medida em que promovem o reconhecimento recíproco e a autoestima do agricultor, visto que o mesmo passa a ser entendido como um sujeito essencial para qualidade de vida, tanto dos agricultores familiares, como dos moradores das cidades, tendo em vista que a agricultura familiar está relacionada com a maior diversidade de produtos disponíveis no campo e com a melhor qualidade do solo e do meio ambiente (Altafin, 2007).

Outro fenômeno importante produzido pelo turismo rural, que está promovendo certa dinâmica territorial, está relacionado a uma maior visibilidade dos produtos da agricultura familiar: as marcas dos agricultores passam a circular mais nas cidades e as vendas diretas para os consumidores aumentam, evitando, assim, a exploração característica dos chamados atravessadores. Além disso, o turismo rural estimula o beneficiamento dos produtos agrícolas, agregando maior valor de venda e, ao mesmo tempo, mantendo as tradições dos doces, geleias, cachaças etc.

### **3. As dinâmicas territoriais e o turismo no espaço rural de Teresópolis-RJ**

O município de Teresópolis está localizado na região serrana fluminense, a 871 m do nível do mar, caracteriza-se por relevos montanhosos, solos pouco espessos e clima úmido e ameno. Com área territorial de 773,338 km<sup>2</sup> e população esti-





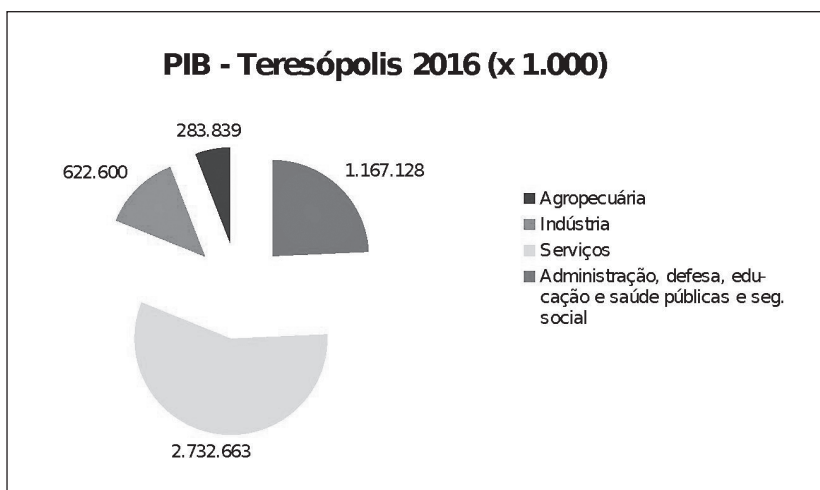


Fig. 2. PIB Municipal de Teresópolis

Fonte: IBGE (2019)

mada de 182.594 habitantes, o município de Teresópolis pode ser caracterizado como altamente estratégico em termos de desenvolvimento turístico e agrícola. Em 2017, a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 23.6%, e com um PIB marcadamente influenciado pelo setor de serviços, como mostram os dados da figura 2.

O Censo Agropecuário de 2017, mostrou que o município possui 3.475 estabelecimentos agropecuários, totalizando 16.629,440 hectares e 8.026 pessoas ocupadas na atividade agropecuária (IBGE, 2019).

Os produtos de maior destaque, no ano de 2018, de acordo com dados da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Rio de Janeiro - EMATER RIO, foram alface, couve, brócolis e tangerina poncã, que abastecem o mer-

cado local e a Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro (tab. 1).

A proximidade com a Região Metropolitana do Rio de Janeiro apresenta situações de oportunidades e tensões. Num contexto de intensa urbanização (uma população de mais de doze milhões de habitantes encontra-se distribuída em vinte e duas municípios); com forte centralidade e concentração de serviços urbanos no município do Rio de Janeiro e enormes desafios habitacionais, de mobilidade, saneamento, emprego, saúde e fragilidade dos mecanismos municipais de controle do uso e da ocupação do solo, dentre outros (IPEA, 2020). Todo esse contexto impõe uma série de pressões sobre os municípios da região serrana, e Teresópolis é hoje fornecedor não só de alimentos, mas também um dos principais espaços de lazer e turismo dos habitantes da re-

Tab. 1. Principais culturas do município de Teresópolis, RJ

CULTURAS	Nº PRODUTORES	PRODUÇÃO COLHIDA (t)	ÁREA COLHIDA (ha)
ALFACE	1.482	103.009,00	3.990,00
ALFACE-CULT. PROTG	154	4.899,70	86,00
BRÓCOLIS	455	10.290,00	449,90
CEBOLINHA	345	5.582,00	343,90
CHICÓRIA	493	5.783,00	195,20
COUVE	506	20.210,00	341,00
ESPINAFRE	296	8.335,00	235,60
TANGERINA PONCÃ	136	9.522,00	459,00

Fonte: EMATER - RIO (2018)



gião metropolitana. Esse enorme contingente busca opções de fuga dos aglomerados urbanos e demandam experiências e atividades de contato com áreas naturais e rurais, dos quais Teresópolis é importante fornecedor, tanto pela quantidade de atrativos, quanto pela proximidade.

As tensões se manifestam nas pressões sobre o mercado imobiliário da região serrana, sobre a infraestrutura urbana e de transportes, sobre os serviços e infraestruturas de lazer e recreação, em especial nos finais de semana e períodos de alta estação. Há que se dar destaque também para a proximidade do aeroporto internacional do Galeão. Teresópolis dista cerca de noventa km do aeroporto que é o segundo no ranking de movimentação de passageiros internacionais no Brasil e o quarto na movimentação de passageiros domésticos (ANAC, 2020).

Teresópolis se destaca pelo grande número de pequenas propriedades rurais administradas por famílias, o que lhe aproxima de um perfil de agricultura familiar. Apesar disso, identificamos que essas pequenas propriedades pouco se envolvem em atividades diretamente relacionadas ao turismo e à hospitalidade.

Por outro lado, chamam à atenção as condições de posse e uso da terra, já que em cerca de 40% dos estabelecimentos agropecuários está vigente o modelo de arrendamento ou meeiros, ou seja, grande número de produtores não tem a posse definitiva ou não é proprietário da terra onde produz. Esse fato resulta em pouco estímulo para investimentos na propriedade e resultados econômicos reduzidos para o agricultor, pois este tem que pagar uma contrapartida aos proprietários da terra.

No que se refere ao turismo rural, o fato de os agricultores não serem os donos das terras apresenta-se como um grande entrave para o desenvolvimento do setor, pois nesses casos a tradição, bem como o próprio agricultor, são pouco valorizados. A relação com a terra passa a ser gerida majoritariamente por uma lógica de mercado e permeada por relações de poder que fragilizam o agricultor e promovem ruralidades distintas, contribuindo com as dinâmicas territoriais.

Vale ressaltar que o Censo Agropecuário de 2017 também identificou que, do total de estabelecimentos agropecuários, apenas 124 obtiveram financiamento ou empréstimos. Além disso, a maior parte (2.653 estabelecimentos) não recebe assistência técnica. Em 2010, a Agenda 21 de Teresópolis já chamava a atenção para o fato de que a agricultura no município não garante a sustentabilidade econômica dos agricultores, em parte

devido à falta de infraestrutura para manter a agricultura produtiva – transporte, comunicação e equipamentos, mas também por falta de políticas públicas para incentivar a população rural a não abandonar o campo, além de capacitação e apoio por parte do poder público.

Parte dos jovens residentes na zona rural de Teresópolis-RJ não pretende permanecer no campo, pois é frequente o argumento de que o trabalhador sofre preconceito e o trabalho é difícil e mal remunerado, assim como enunciados por, pelo menos, quinze jovens entrevistados que moram na região da Tere-Fri, como é popularmente conhecida a rodovia RJ-130 que liga os municípios de Teresópolis e Nova Friburgo. Constata-se nesse fato, certa tendência de associação da zona rural ao atraso em contraponto ao urbano. Além disso, essa geração de jovens tem hoje acesso a muito mais oportunidades de formação e educação do que seus pais, o que faz com que muitos queiram sair da zona rural para estudar em universidades em grandes centros urbanos. Esses jovens também apontaram algumas questões críticas em relação à baixa auto-estima das famílias que ainda moram e vivem das atividades no campo, o baixo grau de instrução de seus pais e avós e a percepção de que eles não estão preparados para oferecer serviços profissionais de turismo em suas propriedades.

Por outro lado, consta-se também um aumento dos chamados neorurais na área de estudo, que procuram romper com tais preconceitos ao promover certa idealização da vida no campo, tendo no espaço rural, em conjunto com uma agricultura familiar agroecológica ou orgânica, o espaço para se viver bem. Situações desse tipo vão ao encontro do que Moreira (2007) chama de um movimento dialético de ruralidade e de urbanidade que se produzem em movimento.

De acordo com dados fornecidos pela AAT (Associação Agroecológica de Teresópolis), estima-se que a região analisada por este trabalho reúna em torno de vinte unidades de produção orgânica, e os principais produtos produzidos são: hortaliças de folha, flor e frutos; ovos; mel; mudas e sementes; com uma produção estimada em R\$ 1.500.000,00/ano. Destas, apenas dois propriedades trabalham com serviço regular de visitação; mas em torno de cinco demonstraram interesse em se inserir no turismo receptivo da região.

Na região analisada por este trabalho, é importante destacar também a presença do Parque Estadual dos Três Picos, importante área natural protegida de 58.790 hectares e que é em parte contornada pela Tere-Fri. As nascentes de água deste parque abastecem quinze municípios, que



Fig. 3 e 4. Vale do Imbiu e produção orgânica do circuito Tere-Fri

Fonte: fotos de Caroline Campos

somam mais de dois milhões de habitantes, e é também um importante destino de ecoturismo e prática de montanhismo.

Na região da Tere-Fri, até as décadas de 1960 e 70, havia predominância de uma produção agropecuária primordialmente voltada para auto-abastecimento, com o excedente destinado à comercialização. A produção estava baseada exclusivamente no trabalho da família, com uma utilização mínima de insumos externos. A partir da década de 1970, o grau de autosuficiência alimentar diminuiu rapidamente, com a substituição dos cultivos tradicionais pela produção mais industrial, com o uso intensivo de fertilizantes, agrotóxicos, equipamentos de irrigação, plasticultura e mecanização agrícola (Strauch, 2009).

Mais recentemente, as consequências desse modelo passaram a ser sentidas no campo, em especial a intensificação dos diversos sinais de degradação dos recursos naturais, como desmatamento, erosão dos solos, contaminação do lençol freático, diminuição do volume de água nos rios e córregos, intoxicação dos agricultores por agrotóxicos, perda da biodiversidade, dentre outros. De fato, diversos estudos realizados em Teresópolis já demonstraram o estado de vulnerabilidade social a que estão expostos os trabalhadores da zona rural, pois a prática de uso intenso de agrotóxico ocasiona frequentes problemas de intoxicação nos agricultores e seus familiares e a própria insustentabilidade da atividade. Já se verificou também a ocorrência de comercialização de agrotóxicos por vendedores que não estão sujeitos ao controle do receituário agrônomo (Soares, Freitas e Coutinho, 2005; Agenda 21, 2010, Strauch, 2009; Cerqueira e altri, 2018).

Além disso, em janeiro de 2011, parte significa-

tiva da zona rural de Teresópolis, além de outros municípios da região serrana do estado do Rio de Janeiro, foi gravemente atingida por intensa precipitação pluviométrica, provocando inúmeros deslizamentos de terra e inundações repentinas, que ocasionaram a morte de mais de novecentas pessoas, deixando centenas de desaparecidos e desabrigando e desalojando mais de 20.000 habitantes nas zonas urbanas e rurais. Segundo dados do Instituto Nacional de Meteorologia, o volume de precipitação alcançou o índice de 130 mm por dia, quando o esperado para a época do ano seria 60 mm. A população rural da região, que já sofria as consequências da insustentabilidade do modelo agrícola predominante, teve sua situação agravada por essa catástrofe que foi descrita como o pior desastre ambiental da história brasileira (Busch e Amorim, 2011; Cerqueira e altri, 2018).

Em termos de infraestrutura, a zona rural do município carece de alguns dos serviços mais básicos. Em 2010, dos 700 km de estradas no município, 510 km não tinham pavimentação. Outro agravante é que, durante a época de chuvas, o trânsito dos caminhões que escoam a produção provoca muitos estragos nas rodovias. Além disso, a infraestrutura disponível para o escoamento da produção agrícola é precária e falta um canal alternativo para o produtor rural escoar sua produção para outros municípios e estados – como, por exemplo, um mercado municipal, visando minimizar a ação exploratória do atravessador (Agenda 21, 2010).

Em 2019, uma ação extensionista do Departamento de Turismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com o apoio da Prefeitura Municipal de Teresópolis, propôs o fortalecimento do Circuito Turístico Tere-Fri, levantou dados sobre





a oferta turística local e identificou os segmentos e produtos turísticos existentes nesta zona rural de Teresópolis, com o objetivo de oferecer subsídios e recomendações para fortalecimento do turismo na região e fomentar ações de cooperação local.

De fato, a gestão de dados e informações sobre recursos e atrativos para o turismo, juntamente com as ações de sensibilização, mobilização e cooperação para o desenvolvimento são fatores primordiais para a consolidação do turismo rural (Brasil, 2010). Por essa razão, as ações desenvolvidas no âmbito deste projeto de pesquisa e extensão envolveram não só o levantamento de dados da oferta turística, mas também a análise dos entraves e potencialidades no que diz respeito às possibilidades futuras de desenvolvimento do turismo local e o atual estágio de desenvolvimento das propriedades rurais de Teresópolis no que diz respeito à hospitalidade e oferta de serviços turísticos.

Esses dados, portanto, oferecem um retrato atual das possibilidades e desafios para desenvolvimento de atividades relacionadas ao turismo no Circuito Tere-Fri, bem como oferecem informações relevantes para futuras ações de planejamento, investimento, formação e capacitação.

A pesquisa atualizou os dados de oferta turística dos meios de hospedagem, serviços de alimentação, atrativos turísticos (naturais e culturais), espaços para eventos e serviços de compras, presentes ao longo do trecho teresopolitano da Rodovia RJ 130. Os dados estão descritos na tabela 2.

Tab. 2. Oferta Turística Circuito Tere-Fri

Oferta Turística	Total
Meios de Hospedagem	26
Serviços de Alimentação	32
Atrativos turísticos	17
Espaços para eventos	11
Serviços de compras	16

Fonte: elaboração dos autores sobre os dados das entrevistas do trabalho de campo

De posse desses dados – e a partir das entrevistas e da caracterização feita durante a visita a esses empreendimentos e atrativos – foi realizada uma categorização dessa oferta turística a partir do conceito de segmentação. A segmentação com base na oferta define o tipo de turismo que será oferecido ao visitante, a partir da existência de certas características comuns em um território, tais como (Ministério do Turismo, 2011): *a*) aspec-

tos e características comuns (geográficas, históricas, arquitetônicas, urbanísticas, sociais); *b*) Atividades, práticas e tradições comuns (esportivas, agropecuárias, de pesca, manifestações culturais, manifestações de fé); *c*) Serviços e infraestrutura comuns (serviços públicos, meios de hospedagem e de lazer).

Os principais segmentos identificados são aqueles que podem ser caracterizados como turismo no espaço rural, confirmando a tendência de uma grande influência dos elementos urbanos promovendo novas ruralidades e as dinâmicas territoriais. Foi possível constatar que nem sempre existe uma relação do empreendimento com as atividades produtivas, com o ambiente e a paisagem natural e cultural que o circunda. A maior parte dos empreendimentos identificados na zona rural estudada, portanto, foi classificada como parte do segmento de lazer e família ou saúde e bem-estar, conforme ilustrado na figura 5.

Dessa forma, são práticas que ocorrem no espaço rural, mas não são, necessariamente, caracterizadas como turismo rural, pois são primordialmente atividades de lazer, esportivas ou ócio de cidadãos, que ocorrem alheias ao meio em que estão inseridas (Brasil, 2010). Apesar disso, alguns empreendimentos montam uma espécie de cenário para representar o que seria a vida no campo e utilizam para isso simulacros de «fazendas», nas quais são expostos animais para promoverem certos tipos de ruralidades criadas para receber turistas. Na figura 6 é possível visualizar alguns dos empreendimentos e atrativos turísticos visitados pela pesquisa.

Diferentemente, as atividades classificadas como parte dos segmentos de «ecoturismo» e «turismo rural» apresentaram características mais fortemente assentadas no território onde ocorrem, na base econômica da região e nos recursos naturais e culturais locais. No entanto, em alguns momentos, essas propriedades também utilizam elementos pensados especificamente para atender às demandas dos turistas.

A multifuncionalidade do novo rural requer estratégias que promovam redes proativas de atores, de forma que as comunidades efetivamente liderem a busca por soluções e caminhos possíveis; identifiquem as melhores oportunidades; a resolução dos conflitos entre os atores; o planejamento e implementação de práticas de uso e manejo sustentável dos recursos naturais; o desenvolvimento de novos arranjos institucionais cooperativos; o estabelecimento de processos participativos e inclusivos de planejamento (Saxena e altri, 2007).

Por essa razão, acredita-se que mais esforços

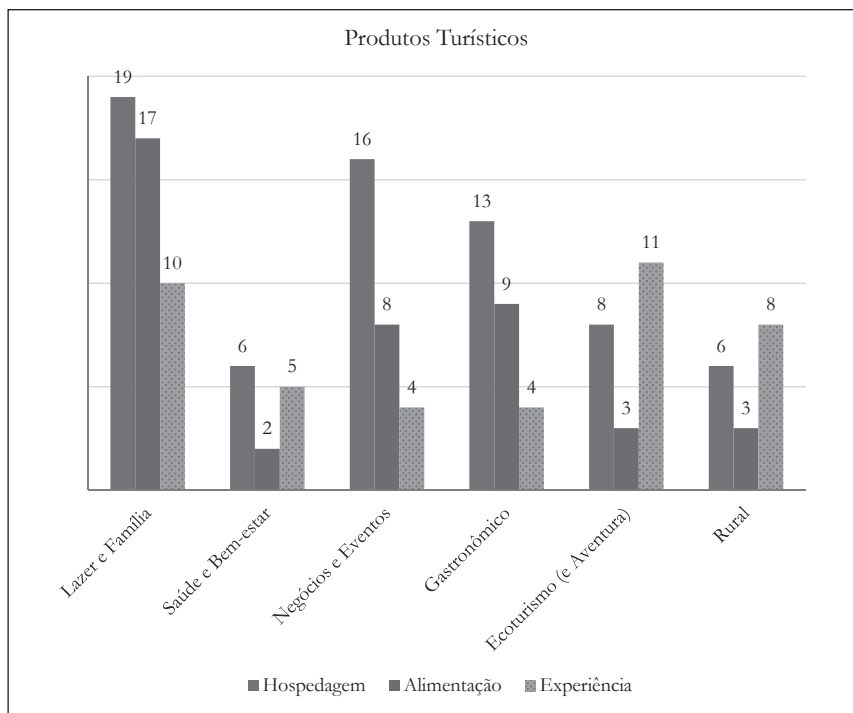


Fig. 5. Produtos Turísticos no Circuito Turístico Tere-Fri

Fonte: elaboração dos autores sobre os dados das entrevistas do trabalho de campo



Fig. 6. Empreendimentos e atrativos turísticos da Tere-Fri

Fonte: fotos de Caroline Campos

devem ser empregados para fomentar as iniciativas de turismo rural e ecoturismo, que realmente valorizem o patrimônio natural e cultural da região, sejam efetivamente protagonizadas e lideradas pelas comunidades locais e, conseqüentemente, resultem em mais benefícios e em uma cultura para promoção da hospitalidade.

Como potencialidades e oportunidades identificados para desenvolvimento desses segmentos turísticos na região, destaca-se aqui a grande diversidade e volume de produção agrícola; a grande quantidade de propriedades rurais de cultivo familiar; a já existência de algumas iniciativas de cooperação para o turismo rural em curso; a popularização do movimento *slow*; as tendências de crescimento e popularização da agricultura orgânica, induzidas, principalmente, pelos chamados

neorurais; a presença do maior parque estadual do Rio de Janeiro; a grande diversidade de atrativos e paisagens naturais.

Como entraves, destaca-se aqui a baixa diversidade e quantidade de produtos e experiências já consolidados; a baixa profissionalização para o turismo; baixa autoestima por parte dos produtores rurais; a falta de sinalização turística; infraestrutura e mobilidade precárias; o risco de fenômenos climáticos extremos; a ainda presença expressiva da agricultura «convencional» com o uso indiscriminado de agrotóxicos; a falta de ordenamento e controle em alguns atrativos e roteiros do parque estadual dos Três Picos; o pequeno número de iniciativas de cooperação e integração com outros segmentos.

Por outro lado, como salientado, é importante



destacar que mesmo sem uma política que enfatize e priorize a agroecologia e a agricultura orgânica, há um movimento crescente de produtores orgânicos, inclusive na Tere-Fri. Já é possível identificar diversos processos de transição agroecológica; redes locais de intercâmbios produtivos (conhecimentos e sementes); circuitos e mercados alternativos de comercialização, como a instalação de uma Feira Agroecológica de Teresópolis, e por último a própria recuperação das formas de manejo tradicionais (Strauch, 2009).

#### 4. Considerações finais

O turismo está contribuindo de maneira significativa com a dinâmica territorial no espaço rural de Teresópolis-RJ, pois promove um aumento da influência do modo de vida urbano. Foi possível constatar que os desejos de consumo dos agricultores estão cada vez mais parecidos com os desejos dos moradores da cidade.

Constatou-se também que existe certa procura por um passado mítico. Fato que impulsiona o turismo rural e, em alguns casos, os agricultores buscam corresponder a esses imaginários, mesmo que tais tradições já não façam mais parte do seu cotidiano. Tais experiências míticas, como muitas vezes já não fazem parte do cotidiano do agricultor, podem ser encontradas e vividas tanto no turismo rural quanto no turismo no espaço rural, com a diferença que no turismo rural a infraestrutura é mais simples e o atendimento é realizado pelos donos das propriedades.

O turismo no espaço rural já faz uso da estratégia do «rural mítico», assim como podemos observar neste artigo e quando o turismo rural também começa a fazer uso desse mesmo «rural mítico», começamos a presenciar certa homogeneização das experiências de viagem no campo. A principal diferença entre o turismo rural e o turismo no espaço rural está se constituindo, principalmente, pela qualidade das acomodações oferecidas pelos empreendimentos que se enquadram mais no que está sendo chamado de turismo no espaço rural e pela questão econômica, pois no turismo rural o agricultor recebe o dinheiro diretamente do turismo, descentralizando a geração de renda advindo do fluxo de turistas, investindo na cultura tradicional, já o turismo no espaço rural tende a concentrar mais a renda, apesar de também oferecer oportunidades de trabalho.

Em um movimento dialético, de um lado temos os empreendimentos hoteleiros com certo luxo e requinte e pouco preocupados com as tradições

locais e, de outro lado, o agricultor familiar investindo em certas tradições, na agroecologia e tentando criar uma infraestrutura, mesmo que seja mínima, para proporcionar certo conforto aos visitantes e, em alguns casos, utilizam a própria estrutura criada para família para atender e hospedar turistas. Esse movimento aparece como uma oportunidade e esperança para manutenção dos jovens no campo, pois garante a pluriatividade e a complementação de renda. Da síntese e da hibridização desses elementos nascem novas ruralidades e as dinâmicas territoriais envolvendo o turismo no espaço rural.

Além disso, enquanto testemunhamos a influência marcante do urbano na paisagem, na infraestrutura e mesmo nos hábitos, aspirações e na cultura na zona rural do município de Teresópolis, há um movimento contrário de valorização de espaços que mantêm as características e experiências rurais cada vez mais procuradas por turistas. Este fato reforça o papel do turismo como uma das forças, tanto física como sociocultural, de construção de lugares, transformação da paisagem, mudanças culturais e popularização do patrimônio cultural (Li e altri, 2019).

Destacamos aqui também, a necessidade de se compreender melhor como se dá a relação entre os sistemas sociais e ecológicos e de que forma os recursos disponíveis estão sendo utilizados na sua organização produtiva, seja ela para o turismo ou para a produção agropecuária. Além disso, existem na região várias áreas protegidas, que no Brasil são conhecidas como Unidades de Conservação (parques nacionais, áreas de proteção ambiental, reservas particulares do patrimônio natural etc) e como já destacado por Cerqueira e altri (2018) as políticas públicas ambiental e agrícola não possuem interação efetiva, e raramente consideram as especificidades dos ambientes de montanha que a constituem e das populações que neles habitam e produzem.

Espera-se que, de posse desses dados e das análises aqui apresentadas, as organizações interessadas – órgãos públicos gestores, sociedade civil organizada e universidade – possam dar prosseguimento ao processo de gestão e planejamento iniciado e que as informações coletadas possam servir de base para a criação de um banco de dados público e acessível, de fácil atualização e gestão. Assim, as informações atualizadas e confiáveis podem subsidiar o processo decisório, a gestão e o planejamento. Se disponibilizados de forma colaborativa, os dados podem servir como instrumento de consulta para turistas, agentes, operadoras e demais interessados na comerciali-

zação do destino e investidores, além de permitir, para os gestores e planejadores do destino, a identificação de oportunidades e ameaças para o desenvolvimento turístico e possíveis desequilíbrios e desajustes em relação à demanda.

## Referências

- Agenda 21, Teresópolis (2010), *Secretaria Estadual do Meio Ambiente*.
- Agência Nacional de Aviação Civil-ANAC, *Dados e estatísticas*, <https://www.anac.gov.br/assuntos/dados-e-estatisticas>; último acesso 6.VIII.2020.
- Altafin Iara (2007), *Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar*, Brasília, CDS/UnB.
- Augé Marc (1994), *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, Campinas, Papirus.
- Brasil Lei 11.326, de 24 de Julho de 2006, *Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais*, Diário Oficial da União, 25.VII.2006.
- Brasil (2010), Ministério do Turismo, *Turismo Rural: orientações básicas*, Brasília, 2ª Ed.
- Busch Amarílis e Sônia Amorim (2011), *A tragédia da região serrana do Rio de Janeiro em 2011: procurando respostas*. ENAP: Casoteca de Gestão Pública, <http://casoteca.enap.gov.br/>; último acesso 22.VIII.2019.
- Cerqueira Hugo Souza, Renato Linhares de ASSIS E Lucia Helena Mariade ALMEIDA, (2018), *Estratégias agroecológicas para a segurança alimentar em ambientes de montanha em Teresópolis-RJ* (Brasil), *Nativa*, Sinop, 6, 6, pp. 654-659.
- Debord Guy (1997), *A sociedade do espetáculo*, trad. Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro, Contraponto.
- Emater - Rio (2019), *Acompanhamento sistemático da produção agrícola (ASPA) da EMATER RIO*, <http://www.emater.rj.gov.br/areaTecnica/cult2018.pdf>; último acesso 1.IX.2019.
- Guilhoto Joaquim J. M., Carlos R. Azzoni, Fernando Gaiger Silveira, Silvio M. Ichihara, Bernardo P. Campolina Diniz, Guilherme R. C. Moreira, (2007), *PIB da Agricultura familiar: Brasil - Estados*, Brasília, MDA.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2019), *Censo Agro 2017: Resultados Definitivos*, <https://censoagro2017.ibge.gov.br>; último acesso 2.X.2019.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2020). *Governança Metropolitana: Identificação e caracterização das Relações Interfederativas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro*, <http://www.brasilmetropolitano.ipea.gov.br>; último acesso 6.XI.2020.
- Lane Bernard (2014), *Turismo rural de segunda geração: prioridades e questões de pesquisa*, in Artur Cristóvão (a cura di), *Turismo rural em tempos de novas ruralidades*, Porto Alegre, UFRGS.
- Lane Bernard e Elisabeth Kastenholz (2005), *Rural tourism: the evolution of practice and research approaches - towards a new generation concept?*, in «Journal of Sustainable Tourism», 23, pp. 1133-1156.
- Li, Yiping, Heqing Zhang, Dian Zhang e Richard Abrahams, (2019), *Mediating urban transition through rural tourism*, in «Annals of Tourism Research», 75, pp. 152-164.
- Ministério do Turismo (2011), *Inventário da Oferta Turística*, Brasília.
- Moreira Roberto (2007), *Terra, poder e território*, São Paulo, Expressão Popular.
- Saquet Marcos A. (2010), *Abordagens e concepções de território*. São Paulo, Expressão Popular.
- Saxena Gunjan, Clark Gordon, Oliver Tove e Brian Ilbery (2007), *Conceptualizing Integrated Rural Tourism*, in «Tourism Geographies», pp. 347-370.
- Silva Eduardo S. O e Glaucio José Marafon (2008), *Comercialização e subordinação da agricultura familiar no Estado do Rio de Janeiro: o exemplo do circuito produtivo do tomate no município de São José de Ubatuba*, in Marafon Glaucio José e Vera L. S. Pessôa (a cura di), *Agricultura, Desenvolvimento e Transformações Socioespaciais*, Uberlândia, Assis Editora.
- Soares Wagner Lopes, Elpídio Antônio Venturine de Freitas e José Aldo Gonçalves Coutinho (2005), *Trabalho rural e saúde: intoxicações por agrotóxicos no município de Teresópolis - RJ*, in «Revista de Economia e Sociologia Rural», pp. 685-701.
- Strauch, Guilherme (2009), *Agroecologia e recampesinação: reflexões a partir da comunidade de Vieira, município de Teresópolis, RJ*, in «Revista Brasileira de Agroecologia», pp. 3689-3693.
- Veiga, José Eli da, Arilson Favareto, Cristina M.A. Azevedo, Gerson Bittencourt, Karin Vecchiatti, Reginaldo Magalhães e Rogério Jorge (2001), *O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento*. Série textos para discussão, Brasília, Convênio FIPE - IICA (MDA/ CNDRS/Nead).

